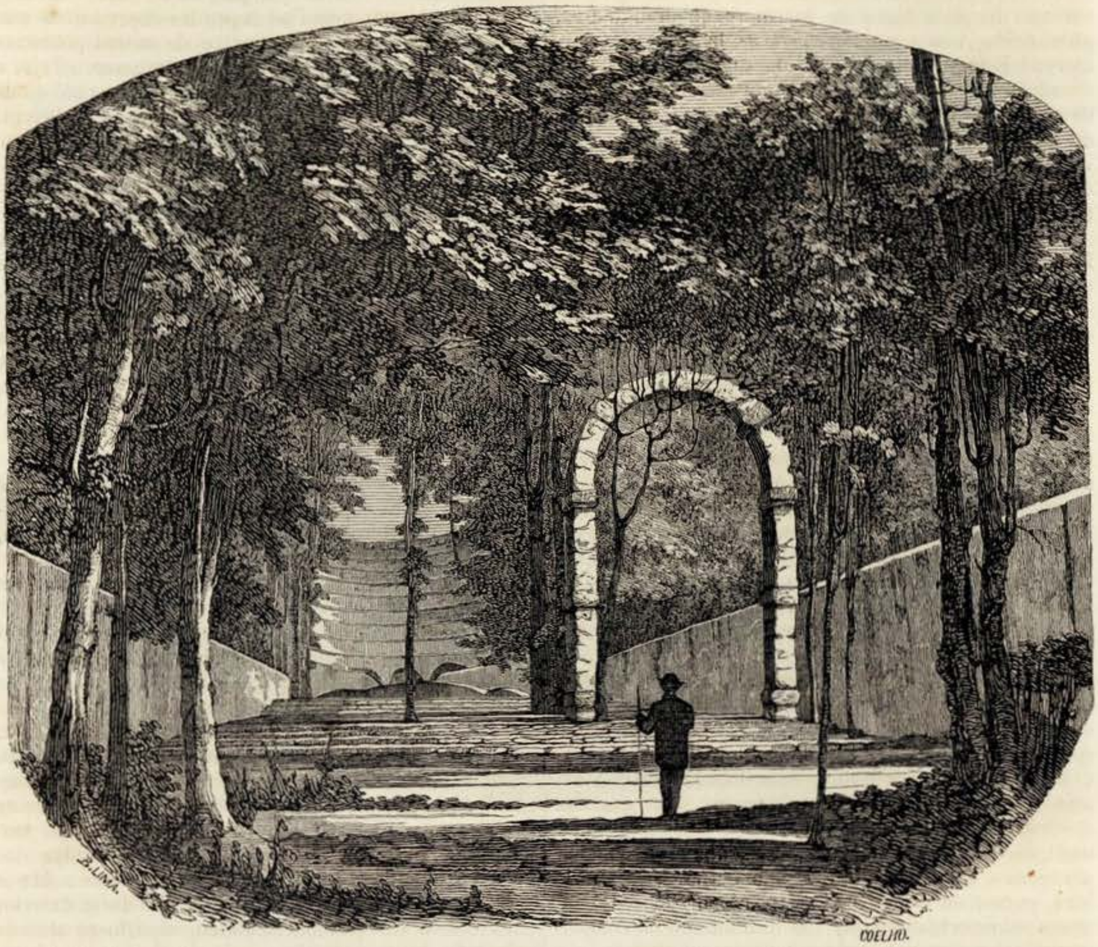


Cascata da Mina de Oiro, na quinta do sr. marquez de Pombal, em Oeiras

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 385)

Pelas duas frontarias mais nobres do palacio correm os jardins, plantados no gosto antigo, mas, ainda assim, bellos pelas estatuas de marmore que os adornam. Os objectos mais notaveis d'esta quinta são a cascata chamada dos *Poetas*, e adega e horta ajardinada.

A cascata, de que démos cópia a pag. 392, apresenta um lindo effeito pela sua construcção original, pelas obras de arte que a decoram, e pelo docel de verdura com que a cobrem arvores gigantescas mui formosas. É construida de diversas qualidades de pedras, brilhando, entre a cantaria e a pedra tostada e carcomida, os spathos calcareos, de faces lustrosas e espelhentas, e de côr branca ou avermelhada. Compõe-se a cascata de tres corpos, cada um com sua gruta, seu lago e seu terrado. O corpo central tem a gruta mais ampla e o lago muito maior; e do terrado que o coroa desfructa-se uma agradavel vista de ruas de bosques, pois que são varias as que vem, como raios de uma estrella, rematar no terreiro circular em que se ergue a cascata. Os terrados dos corpos lateraes são guarnecidos com quatro bustos colossaes de marmore de Carrara, representando os quatro grandes poetas epicos, *Homero*, *Virgilio*, *Camões* e *Tasso*, todos obra do cinzel do nosso eximio esculptor Joaquim Machado de Castro. Conduzem aos terrados duas escadarias, cujas entradas, em fórma de gruta, se abrem aos lados do lago principal.

A adega é a mais sumptuosa officina d'este genero que ha no paiz. É um grande edificio de dois andares; o primeiro é adega, o segundo celeiro. A fachada principal é como a de um palacio, pois que a adornam doze bustos de imperadores romanos, maiores que o natural, esculpidos em marmore de Carrara, e collocados sobre altos pedestaes, aos quaes se encostam, vestindo-os em quasi toda a altura, arbustos sempre verdes. A adega é dividida em tres naves por duas ordens de arcadas, compostas de quinze arcos cada uma. Nas duas naves lateraes estão os toneis, que são de vinhatico, e quatorze dos quaes recebem cada um trinta pipas de vinho. Contiguo á adega, no lado posterior, está a casa dos lagares, que são sete, e acham-se construidos em elevação sufficiente para d'elles correr directamente o vinho para os toneis por encanamentos de cantaria, que giram em volta das paredes da adega, pouco acima dos mesmos toneis. Está situada esta adega entre dois pateos arborisados, um com communicação para a quinta, e o outro com saída para a estrada publica por um grande portão de ferro. N'este ultimo pateo admira-se uma bella arvore originaria da Africa: é um dragoeiro (*Dracoena draco*),

mais gigantesco do que os que existem no jardim botanico da Ajuda, e na quinta do Paço do Lumiar, dos srs. duques de Palmella.

A frente principal da adega deita para um jardim, em que ha dois lagos de marmore quadrangulares, guarnecidos nos cantos com vasos tambem de marmore. [1] Este jardim cae sobre uma extensa horta ajardinada, com a qual se communica por tres escadas de pedra, de sete degraus, separadas por balaustradas de marmore.

No meio da horta levanta-se um formoso tanque de marmore, com um grupo de figuras de marmore de Carrara, feito em Roma.

O terreno em que está fundada a adega e mais officinas, com os seus pateos, jardim e horta, era uma quinta dos viscondes de Barbacena, que foi comprada com o dinheiro do dote da primeira mulher do marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Mello.

A outra quinta, situada ao norte da estrada real, tambem foi feita pelos dois irmãos do primeiro marquez, Francisco Xavier de Mendonça, e Paulo de Carvalho de Mendonça. Cortam-n'a extensas ruas de bosque, e um rio que vae desaguar no Tejo a pequena distancia da villa de Oeiras. Ao atravessar a quinta corre o rio encanado, e por um e outro lado acompanham-n'o largas ruas assombradas por frondoso arvoredo, e adornadas de grandes vasos de marmore, que, a espaços, coroam a muralha do encanamento, que tambem é guarnecida de alegretes e assentos. Diversas pontes de pedra dão passagem de uma para a outra margem.

Ennobrecem esta quinta duas cascatas, uma chamada da *Taveira*, e outra da *Mina de oiro*. A primeira está construida no gosto commum d'este genero de edificações. Adornam-a dois satyros de marmore, e tem na frente um jardim com dois tanques. A segunda é muito mais bella e pittoresca, posto que nua de ornatos artisticos; a sua fabrica tem mais novidade, e o effeito das aguas, despenhando-se, maior grandeza e magestade. Eleva-se a cascata a muita altura, encostada a uma collina, por onde sóbe em degraus semicirculares, que vão diminuindo no comprimento até rematarem em um terrado, no qual se acha o reservatorio. Acompanham os degraus de um e outro lado, como castiçaes n'um throno de egreja, altas e copadas arvores. Em frente da cascata, e do lago que lhe recebe as aguas, ha um terreno circular, ao qual fazem abobada com sua frondosa ramagem as arvores annosas que o circundam. Imagine-se, pois, a maravilhosa perspectiva do quadro, quando as aguas, soltando-se de tamanha altura, formam tão magestosa cataracta sob um docel de espessa folhagem.

Faz pena, porém, ver estragos no que é tão facil de reparar. Já alli faltam algumas arvores, e todos, ou quasi todos os arbustos, que faziam parede compacta de arvore a arvore, em volta do terreiro, vindo morrer n'um arco de pedra, que era então a unica entrada para o dito terreiro. Por toda a quinta se acha em mais ou menos decadencia o que foi feito para recreio.

Percorrendo a marinha desde Oeiras até á torre de S. Julião da Barra, encontram-se dois fortes, denominados de *S. João das Mayas* e de *Santo Amaro*, fundados tambem, como os outros que deixâmos referidos, no seculo XVII. Proseguindo na estrada real de Oeiras para oeste, chega-se a um sitio onde a estrada se divide em duas, uma que conduz á torre de S. Julião, e a outra ao logar de *Carcavellos*, ambos distantes d'aquella villa obra de um kilometro.

A torre de S. Julião está edificada sobre rocha na foz do Tejo, lado do norte. A sua fabrica é obra de diversos monarchas, o que deu causa a assignalarem-lhe os escriptores differentes fundadores.

[1] Vid. a gravura a pag. 404.

O primeiro soberano que tratou de fortificar aquelle ponto foi el-rei D. João III; porém a sua obra foi mesquinha, porque teve em vista, não tanto a defesa da barra de Lisboa contra qualquer nação européa, como obstar de algum modo ás repetidas depredações que faziam os corsarios argelinos, e de outras potencias barbarescas, ousando furtivamente devassar o Tejo, e assolar as povoações das suas duas margens até quasi debaixo da artilheria da torre de S. Vicente de Belem, e do forte de Caparica, chamado no reinado seguinte de S. Sebastião, e depois *torre velha*.

Sendo regente do reino o cardeal infante D. Henrique, na menoridade del-rei D. Sebastião, traçou-se nova e maior planta da torre de S. Julião, ou, como então a denominavam, de *S. Gião*. Foi feita esta obra por meio de um tributo, que para esse fim se lançou, de 1 por cento sobre todas as mercadorias que se exportassem pela barra. Prolongaram-se os trabalhos por todo o reinado del-rei D. Sebastião, de modo que não estavam concluidos, mas proximos do seu termo, quando succedeu a lastimosa perda d'este monarcha, á qual se seguiu de perto a da independencia de Portugal.

Senhor do reino D. Filippe II de Hespanha, e logo ameaçado pelas esquadras de Inglaterra, que patrocinavam as pretenções de D. Antonio, prior do Crato, cuidou promptamente de augmentar ainda mais a fortaleza de S. Gião com outras novas obras de fortificação.

Tambem el-rei D. João IV lhe fez importantes melhoramentos, não julgando sufficiente o que estava feito para repellir qualquer tentativa das esquadras de Castella, ainda então muito poderosas.

Finalmente o sr. D. Pedro, duque de Bragança, sendo regente na menoridade de sua filha, a sra. D. Maria II, ambos de gloriosa recordação, logo que chegou a Lisboa, em julho de 1833, tratando activamente de pôr esta cidade e o seu porto a coberto das tropas inimigas, que vinham a marchas forçadas dos seus entrincheiramentos em volta do Porto sobre a capital, mandou construir á pressa um forte exterior para defesa da torre de S. Julião, caso fosse atacada pelo lado de terra, onde era dominada por uma eminencia visinha, chamada o *Algoirão*. Com esta obra, que parece incrivel fosse por tanto tempo descuidada, ficou mais completa a defesa da torre, e a da barra pelo lado do norte.

Tem aquella fortaleza uma longa e horrorosa historia como prisão de estado. Compõe-se essa historia de quatro epochas distinctas. Coube a Filippe II a odiosa missão de dar assumpto para o seu principio, abrindo a primeira epocha, que durou sessenta annos, e que foi a mais memoravel de todas pela quantidade de sangue que a manchou. [1]

. . . .

A segunda epocha foi de curta duração, e como uma triste consequencia da primeira. Tendo sido descoberta uma conjuração contra a vida del-rei D. João IV, combinada para entregar novamente o reino ao dominio de Castella, e na qual entravam, como cabeças, o marquez de Villa Real, seu filho, o duque de Caminha, o conde de Armamar, e D. Sebastião de Mattos de Noronha, arcebispo de Braga, foram presos os complices d'este attentado no dia 28 de julho de 1641, e enviados para differentes prisões, d'onde sairam uns para o cadafalso, outros livres, declarados innocentes, e onde alguns ficaram presos até ao seu fallecimento. Entre os que foram encarcerados na torre de S. Julião, contava-se o arcebispo de Braga, principal auctor da conspiração, o qual foi conduzido primeiramente para a torre de Belem, e logo depois removido para a de S. Julião, onde veiu a fallecer.

[1] Omittimos aqui [illegible] periodo do nosso roteiro, porque a materia d'elle está tratada [illegible] pag. 281 d'este vol.

A terceira epocha foi o effeito das resistencias contra as reformas decretadas por el-rei D. José, e tambem o resultado das continuas tentativas para expulsar do poder ao marquez de Pombal; foi a pagina luctuosa dos annaes d'aquelle glorioso reinado. [1]

. . . .

A quarta epocha é mais horrivel do que a anterior; diz respeito ás nossas luctas da liberdade, e deve estar ainda bem fresca na memoria de muita gente. [2]

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

O GENIO E O INFORTUNIO

A FRANCISCO GOMES DE AMORIM

— E a patria, por quem tanto hão feito,
Que digno premio lhes ha dado? A fome.
N'um hospital galardoou Pacheco;
A Albuquerque a deshonra ao pé da campa;
Castro a pobreza, que os soccorros ultimos
Sobre o leito da morte mendigava.

Camões — GARRETT.

I

Quantas vezes passaria por estas verdades do mestre, o olhar reflexivo do discipulo? Quantas vezes lhe prophetisariam ellas ao ouvido o prototypo do seu futuro? Quantas vezes entibiariam seus passos na brilhante carreira que encetára, diante de tantas ingratidões da patria?

Cego a todas essas injustiças, caminha sempre impávido o poeta, o poeta de natureza: o poeta em cujos braços dera o ultimo suspiro o mavioso cantor do *Camões;* o poeta que no meio das florestas americanas sentia o anjo da poesia querer esvoaçar-lhe do seio; que pelas margens d'esses magestosos rios, que sulcam soberbos as auriferas terras do Novo Mundo, á hora seductora do crepusculo, se extasiava na contemplação da natureza, sentindo apparecer-lhe todos os dias, debaixo das fórmas mais encantadoras, tudo aquillo que via, sem comtudo saber o que sentia, e como sentia.

Entranhava-se pelos bosques espessos, para ir adormecer ao murmurar silencioso das folhas, levemente embaladas pela brisa amena. Por esses retiros saudosos, fez elle as suas primeiras visitas á Hyppocrene e á Castalia, e ahi bebeu, pela primeira vez, da limpida e pura lympha que em prosaicos labios não é mui vulgar.

Cimentavam-se já n'aquella alma ingenua os primitivos alicerces da poesia. A flor ainda em botão, orvalhada pelos cristallinos rocios da aurora, queria já dilatar as pétalas. Queria disparzir pelo seu ambiente o odor que em si concentrava a flor tenra, a desabrochar. Os ardentes raios do sol haviam já sazonado o fructo que apenas reverdecia na sua immaturidade.

Renunciou todas as aspirações sociaes, e curvou a fronte áquella inclinação que desde menino o acompanhava. Deixou todas as offertas do homem, para sómente acceitar as da natureza. Rejeitou os recursos pecuniarios que lhe poderia dar o futuro de uma vida materialista, para ir abraçar a ingratidão, o desprezo, a fome e a pobreza que lhe havia de dar em paga de seus trabalhos a patria indigna!

Eis Gomes de Amorim, o auctor dos *Cantos Matutinos*, a receber em premio de seus trabalhos o ultimo abraço da desgraça!

Eis o poeta infeliz de envolta com a miseria!... e a patria surda a seus gemidos,... e a patria a deixar penar no infortunio um de seus filhos, que se roubou ao mundo para só viver por ella;... e a patria assim consentir que lhe exprobrem que:

Claros lumes da terra, são costumes,
Constituições e leis co' elles florecem,

e que não se desamparam, nem se deixam gemer em angustia.

Ingrata patria!... que assim deixas soffrer quem te dá vida, para que possas viver no futuro, para que jámais se apaguem da memoria dos povos as tuas immorredoiras glorias e os teus heroes invejados.

II

O pobre e infeliz poeta vê-se desamparado pela patria. Vê *talvez* fecharem-se-lhe as portas a que foi lembrar o seu estado, a que foi talvez implorar o auxilio do amigo para mitigar suas dores, e espaçar com menos pena os seus estreitos dias.

Vê-se só!... olha em torno de si, e só vê... miseria e só a miseria!

Mas no momento mais tempestuoso da vida, lá apparece muitas vezes o anjo da guarda a sorrir, correndo em sua salvação, a arrancal-o ás fauces do abysmo, para o restituir á vida.

Gomes de Amorim no momento mais desesperançado da sua vida, vê raiar-lhe em auréola resplandecente, por entre as nuvens offuscadas do seu pensamento, o anjo salvador.

Volve a vista ao solo que lhe recebeu as suas inspirações infantis, e corre ávido a abraçar a primeira taboa de salvação, e o ultimo recurso de todos os seus recursos.

Envia-lhe a sua bibliothéca, a sua vida, o seu tudo, para que, em recompensa, lhe alliviem o peso do infortunio, que ferrenho lhe dilacera o coração, e que lhe dêem morte mais benigna.

E o paiz sempre hospitaleiro, e sempre attento aos clamores angustiosos do infeliz, abre-lhe o seio, toma-o em seus braços, e manda-lhe em soccorro os corações compatriotas, que espontaneamente repartem com elle o fructo de seus suores, não querendo em retribuição mais do que a sua saude, a sua vida e a sua felicidade; entregam-lhe outra vez a sua vida, o seu tudo, para que deixem de ser d'elle quando o mundo deixar de ser seu, e quando as musas suffragarem a sua alma.

Eis, pois, onde veiu Gomes de Amorim encontrar corações generosos e de sentimentos nobres: nos seus conterraneos de além-mar, que, distanciados pelo espaçoso Atlantico a centenares da legoas da sua patria, nunca os distanciou o coração dos sentimentos da dor, que velam incançaveis pelo bem da patria e de seus engeitados.

III

Em agosto de 1856 foram lançados a correr mundo os *Cantos Matutinos;* e já n'essa epocha o auctor previa o seu ennublado futuro, espalhando dolorosamente pelo correr do texto estas prognosticas palavras: — *Era a primeira vez que o meu nome ia desacommodar os typos, e Deus sabe se não teria sido melhor deixal-os dormir sem me tornar jámais seu conhecido!* Já n'essa epocha o poeta fugia ao tumultuoso agitar da vida, para ir pela immensa negridão da noite ajoelhar-se meditativo ao pé do cemiterio; para escutar a voz atterradora de Joung, o cantor dos tumulos, que, passeiando cabisbaixo por entre as sepulturas, articulava, em sons horripilantes, expressões agoureiras que, levadas pelas auras silenciosas do ermo, iam tocar os ouvidos do desventurado que, já incredulo na vida, só n'ellas achava o seu alimento.

[1] Vid. pag. 281.
[2] Vid. pag. 308, e 375 d'este vol.

Lamentando o seu estado, não comprehendia como ter merecido vida tão acre.

Suspirava por um viver mais suave, ou por um padecer menos cruel; e, voando com a imaginação ao infinito, corria sobre as aguas do Oceano a ouvir no meio das procellas medonhas

..............o carpir funebre
Do nauta que suspira por um tumulo
Na terra de seus paes;........

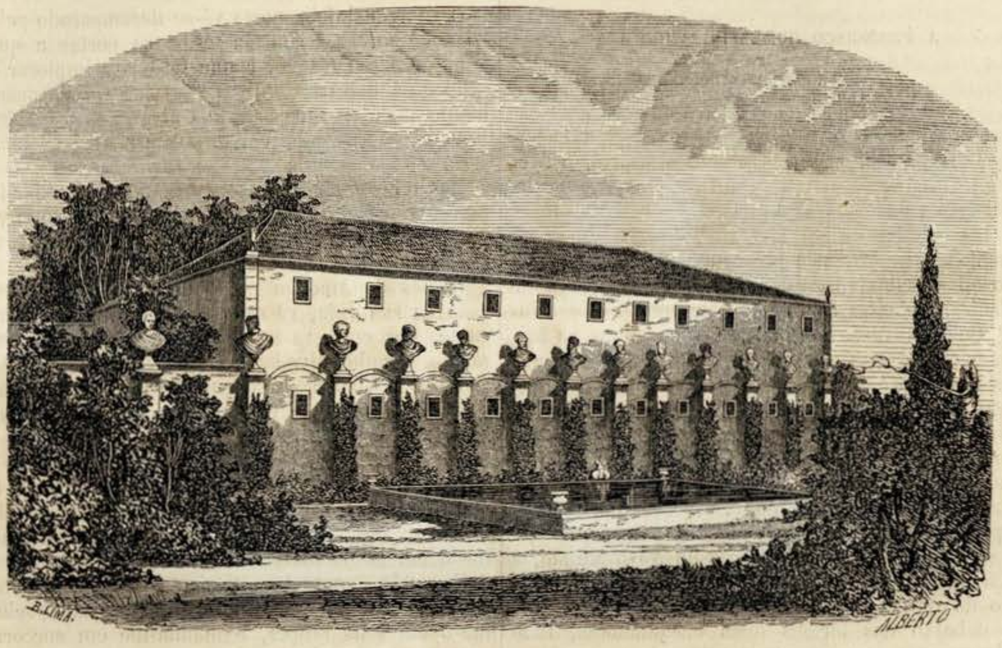
Assim o poeta se equiparava ao nauta vendo-se exilado na terra dos seus.

Penetrado de tanta dor, vê-se obrigado a esquecer os livros, e deixar a patria lamentar, por sua culpa, a falta de um dos mais affeiçoados adeptos da sua litteratura.

Deixa apagar-se no horisonte das letras portuguezas a estrella que sempre brilhou com resplandor.

Esquece as letras e a patria, e entrega-se só a braços com a desgraça e com a desventura.

É com mágoa profunda que presenciâmos o desapparecimento de uma tão fúlgida estrella das letras patrias; d'aquelle que ainda ha pouco, com tanta força de saudade e com tanta paixão ás letras, toma ainda uma vez a lyra, e, quasi exangue, lhe arranca estes



Adega da quinta do sr. marquez de Pombal, em Oeiras

sentidos versos, repassados de dor, que por elles se póde ver a esperança que tem na vida, e o desalento que lhe desfallece a alma:

BENÇÃO A MINHA FILHA SOFIA

Folga, folga, meu anjinho,
Sorrindo a teu pobre pae;
Que em quanto a vida começas,
A minha vida se esvae.

Que Deus faça o teu destino
Mais propicio do que o meu;
Sejas tão feliz na terra,
Quão desgraçado fui eu.

Brilhe sempre n'essa fronte
Da innocencia o resplandor;
E como ora te abençôo
Sê bemdita do Senhor.

Um dia, quando cresceres,
E me não vejas na terra,
Lê de joelhos a benção
Que n'estes versos se encerra.

Uma porção da minh'alma
Has de, oh filha! achar aqui;
Pede por mim quando os leres,
Que eu peço agora por ti.

Já vistes coração mais sensivel e mais infeliz?

Já vistes dor mais penetrante? Passarão por sobre estes os olhos de mãe, de irmã, sem confessarem, com a solitaria *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro: — *A estas palavras se me arrasaram os olhos de agua, e fui com as mãos a elles.*

É a voz lacrimosa do poeta a fallar á filhinha que em breve o vae perder, e que, parecendo dizer adeus ao mundo:

...................A lyra anceia-lhe,
A voz carpe-se, os sons gemem tão meigos,
Mas tão cortados de uma dor tão viva,
Que é um partir-se o coração de ouvil-os.

São os ultimos sons do poeta descrido, tirados do intimo d'alma pelo amor da filha.

Eis o *genio e o infortunio:* as duas condições divorciadas pela natureza, e harmonisadas barbaramente pela corrupção dos povos, pela hypocrisia e ingratidão da sociedade.

Eis o incentivo que dá Portugal á sua litteratura, e o escarneo que lhe tem sido e ha de ser lançado em rosto em todas as edades, em quanto se não constituirem principios expurgativos e regeneradores, capazes de fortificarem a civilisação e de incutirem idéas reformadoras no espirito dos povos.

Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1863.

PAULO JOSÉ FARIA BRANDÃO.